



FINANCEIRIZAÇÃO DA AGRICULTURA E FUNDO DE INVESTIMENTOS: UMA ANÁLISE DO GRUPO AMERRA CAPITAL NO SETOR SUCROENERGÉTICO BRASILEIRO¹

João Marcos de Souza Azevedo ²
Maria do Socorro Bezerra de Lima³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir o papel dos fundos de investimento no processo de financeirização da agricultura, tomando como base os investimentos do grupo Amerra Capital no Brasil e no setor sucroenergético no período de 2009 a 2023. A financeirização é compreendida como uma forma de rentismo, onde o capital portador de juros está no centro do processo de acumulação, gerando um aumento da espoliação e desigualdades espaciais. A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa e documental, baseada em levantamento bibliográfico em sites especializados e análise de dados secundários de portais como Amerra Capital, IBGE e Conab. Os resultados mostram que o grupo Amerra Capital, especializado em soluções de crédito para o agronegócio, concentrou 31% de seus investimentos em *private debt* no Brasil entre 2009 e 2023, sendo 60% voltados para o setor sucroenergético (etanol e açúcar). No portfólio de *private equity*, dos 15 investimentos ativos, 8 estão no Brasil, incluindo quatro usinas sucroenergéticas, muitas adquiridas em processo de recuperação judicial, o que demonstra a atuação do capital financeiro na reestruturação produtiva do setor em crise. A financeirização promove a transformação da terra em ativo financeiro e intensifica a concentração fundiária e a dependência financeira das áreas rurais.

Palavras-chave: Amerra Capital; Fundo de Investimentos; Setor Sucroenergético; Financeirização da Agricultura.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es discutir el papel de los fondos de inversión en el proceso de financiarización de la agricultura, tomando como base las inversiones del grupo Amerra Capital en Brasil y en el sector sucroenergético durante el período de 2009 a 2023. La financiarización se concibe como una forma de rentismo, donde el capital portador de intereses se sitúa en el centro del proceso de acumulación, lo que genera un aumento de la expoliación y de las desigualdades espaciales. La metodología empleada tiene un enfoque cualitativo y documental, fundamentado en la revisión bibliográfica en sitios especializados y en el análisis de datos secundarios de portales como Amerra Capital, IBGE y Conab. Los resultados indican que el grupo Amerra Capital, especializado en soluciones de crédito para el agronegocio, concentró el 31% de sus inversiones en *private debt* en Brasil entre 2009 y 2023, de las cuales el 60% se destinó al sector sucroenergético (etanol y azúcar). En la cartera de *private equity*, de las 15 inversiones activas, 8 se encuentran en Brasil, incluyendo cuatro centrales sucroenergéticas, muchas de ellas adquiridas en proceso de recuperación judicial, lo que evidencia la actuación

¹ Essa pesquisa foi realizada dentro do Programa de Educação Tutorial – Ciranda Rural (ProPet) com financiamento da Pró-reitora de Graduação da UFF (PROGRAD)

² Mestrando do Curso de Ciências Sociais em Agricultura, Desenvolvido e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, jmsouza@ufrj.br;

³ Professora orientadora: Doutora, Universidade Federal do Amazonas - UFAM, do.lima@ufam.edu.br.



del capital financiero en la reestructuración productiva del sector en crisis. La financiarización fomenta la transformación de la tierra en un activo financiero e intensifica la concentración de la tierra y la dependencia financiera de las áreas rurales.

Palabras clave: Amerra Capital, Fondo de Inversiones, Sector Sucroenergético, Financiación de la Agricultura.

INTRODUÇÃO

A convergência de múltiplas crises: financeira, alimentar, energética e ambiental de 2008 trouxe novos atores e estratégias para o agronegócio brasileiro, que impulsionado com a alta dos preços das *commodities* buscou incentivar a produção de algumas culturas, principalmente de milho, soja, cana-de-açúcar etc., voltados para o mercado externo. Como aponta Maristela Svampa (2013), esse período vai promover uma reprimarização das economias dos países latino-americanos, elevando a fragmentação regional e configurando espaços produtivos de acordo com os mercados internacionais.

Entre novos atores, cabe aqui destacar, a entrada maciça de fundo de investimentos e fundos de pensão voltados para o mercado de terras e recursos naturais. Esses novos atores proporcionam “um aumento exponencial dos negócios agropecuários e extrativos em geral (...), dos quais chama particular atenção o movimento de intensificação do processo de financeirização da agricultura” (Santos, et al, 2022, p.12). Portanto, a terra e seus recursos passam a ser observados como um ativo e uma fonte de lucro importantes para os atores do mercado financeiro.

Nossa leitura sobre a financeirização a compreende como uma forma de rentismo onde há uma externalidade entre a produção efetiva do valor, com o capital portador de juros no centro do processo de acumulação capitalista mundial (Paulani, 2024). Nessa mesma perspectiva Pessanha (2019) vai descrever o processo de financeirização como uma “máquina de dívidas”, momento em que o crescimento da renda fica em segundo plano para o crescimento e acesso ao crédito (capital portador de juros).

Cabe destacar que o aprofundamento da financeirização na agricultura é caracterizado por um aumento da espoliação (Harvey, 2005) de populações rurais e de povos e comunidades tradicionais, criando desigualdades espaciais na busca por expandir a produção e obter mais lucros.

Uma vez que, os centros de decisões estão cada vez mais distantes dos territórios que estão sendo ‘alterados’, os efeitos locais decorrem de gestões e necessidades externas. (Santos, 2020, p. 36). Como defende Milton Santos “O uso do espaço se tornou mais capitalístico” (Santos, 2020, p. 59)



Diante desses novos desdobramentos esse trabalho tem o objetivo de: **discutir o papel dos fundos no processo de financeirização da agricultura tomando por base os investimentos do grupo Amerra Capital no Brasil e no setor sucroenergético no período de 2009 a 2023.**

Fundado em 2009, o grupo *Amerra Capital Management* se apresenta como uma solução de crédito para os desafios globais de alimentos e a cadeia de suprimentos para o agronegócio. Atuando em diferentes frentes dentro da cadeia do agronegócio: Entrada, Produção Agrícola, Produção de Proteínas, Processamento e Comércio/Logística tem seu foco em países da América Latina, como: Brasil, Peru, Nicaragua, México e Chile. O grupo atua em duas opções de carteiras de crédito: *private equity* e *private debt*, até o ano de 2023 já havia investido mais de US\$ 5,7 bilhões e detinha em ativos sob gestão US\$ 1,4 bilhão (Amerra, 2023a).

Desde 2015, o grupo tem concentrado grande parte dos seus investimentos de *private debt* no mercado brasileiro, primordialmente nos setores: café, açúcar, etanol, energia e soja. Ao analisar todos os anos nota-se um crescente investimento no setor sucroenergético: açúcar e etanol, representando em 2020 mais de 90% dos investimentos do grupo no Brasil. No *private equity* 53% dos investimentos ativos estavam no Brasil, sendo a maioria em usinas do setor sucroenergético (Amerra, 2023a).

O trabalho observou que após a crise de 2008 alguns setores ficaram altamente endividados pela projeção de um cenário positivo para o setor agrícola, dentre eles o setor sucroenergético. Pitta, Leite e Kluck (2020) demonstram em sua pesquisa que desde 2011 o setor vem enfrentando uma crise financeira levando grande parte das usinas à falência ou recuperação fiscal. Nesse momento, os fundos de investimentos e grandes grupos financeiros veem uma possibilidade de aplicar seu capital visando lucros futuros

METODOLOGIA

A pesquisa tem abordagem qualitativa e documental. Como procedimento metodológico foi feito um levantamento bibliográfico e análise de dados secundários. Após tratamento das informações foram elaborados gráficos, mapas e tabelas para melhor apresentação dos resultados. Os procedimentos metodológicos adotados foram:

- 1) Levantamento bibliográfico de artigos, teses e dissertações realizado em sites especializados utilizando palavras-chave: fundo de investimentos, setor sucroenergético e financeirização da agricultura. Além de análise de jornais e relatórios de sustentabilidade das empresas pertencentes ao objeto de pesquisa.



- 2) Coleta de dados secundários nos portais: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Companhia Nacional de Abastecimentos, Observatório de Cana e grupo Amerra Capital.
- 3) Após o levantamento os dados foram tratados e categorizado utilizando ferramentas como: *Microsoft Excel*, *Power BI*, *Canva* e *QGis*. Transformados em quadros, tabelas, gráficos e mapas para que o leitor tivesse uma melhor visualização dos resultados obtidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Financeirização da agricultura

A consolidação da economia do agronegócio na virada do século XXI junto ao cenário que vinha sendo formado, denominado como “*consenso de los commodities*” (Svampa, 2013) traz um novo conjunto de estratégias para as empresas e grupos do setor agrícola. O período de boom das commodities resultado das convergências de crises em 2008 – financeira, ambiental, energética e alimentar - tem sido objeto de muitas investigações que buscam compreender os seus desdobramentos na questão agrária. Houve um aumento do fluxo de investimentos financeiros, principalmente estrangeiros, no mercado de terras e na agricultura em países do sul global (Borras Jr, et al, 2013; Sauer, 2010).

Os países latino-americanos se tornaram territórios para valorização financeira do mercado internacional, a terra e seus recursos começam a ser vistos como um mercado alternativo de investimentos. Há um incentivo dos governos latinos na construção de megaprojetos que sustentam a expansão do setor primário de seus países, levando à reorientação do território, perda de soberania alimentar e reprimarização da economia.

Pensando a partir de uma perspectiva dos ajustes socioespaciais de Harvey (2005), conseguimos ver os territórios do Sul Global, dentro de uma organização, são objetos de extrativismo e desapossamento de populações para que o capital continue o seu ciclo em busca do lucro, e atualmente, dos lucros futuros. Nas palavras de Sassen (2016, p. 10) esses desapossamentos, que a autora vai chamar de expulsões, são causadas por instrumentos políticos, instituições, sistemas e técnicas complexas. Esses instrumentos reforçam, o que a Sassen (2016, p.10) argumenta sobre a economia mundial dentro da financeirização “nossas economias políticas avançadas criaram um mundo em que a complexidade tende a produzir brutalidades elementares com demasiada frequência” (Sassen, 2016, p.10).



Nesse sentido, Paulani (2024) debate a financeirização como uma economia de mercado que leva à exploração do trabalho e concentração e centralização do capital dentro um circuito de valorização de capital cada vez mais externo à produção real do valor. O capital como propriedade gerando valor por si mesmo através do capital fictício, este último a autora descreve como “direitos que os proprietários de títulos têm sobre valor futuro ainda a ser gerado, seja esse valor resultado direto da valorização capitalista, seja ele resultado do poder monopólico de tributação detido pelo Estado, o qual captura, a cada período, parte do valor gerado” (Paulani, 2024, p.91).

Essa crescente expectativa de lucros provenientes dos mercados futuros gera um alto endividamento. Quando o capital futuro projetado esperado não se concretiza, os devedores recorrem a mais crédito e outras fontes de títulos/instrumentos financeiros, incentivados pelo aumento da oferta e do acesso ao crédito. Pessanha (2019) descreve a financeirização como uma “máquina de endividamento” que ao mesmo tempo que gera crédito aumenta a liquidez.

Ao analisar a financeirização na agricultura, Barros Júnior (2017, p. 4), nota que: “A expansão agrícola e do agronegócio a partir dos anos 2000 é basicamente puxada pelas cadeias agroindustriais e pela atuação do capital financeiro através de fundos de investimentos”. A agricultura globalizada desde a modernização vem em uma crescente dependência do capital financeiro.

Recortamos aqui alguns dos debates dentro da agricultura após a crise de 2008. O debate teórico-metodológico tem sido feito em torno do Land Grabbing (Borras Jr, et al, 2013). O fenômeno pode ser descrito como

al señalar que las transacciones de tierras deben ser consideradas como de acaparamiento cuando se cumplen tres concisiones, a saber: a trata de operaciones de gran escala, rasgo que se identifica a partir del comúnmente aceptado parámetro de un mínimo de 1000 has por operación; es posible detectar el involucramiento de gobiernos extranjeros en el proceso; y los proyectos de inversión son considerados como impacto negativo sobre la seguridad alimentaria de los países en los que tienen lugar (Borras Jr, et al, 2013, p.78-79).

Essa procura por terras vem junto ao aumento de produção de commodities e inserções de novas lógicas de financeirização para dentro da agricultura. Leite (2024) destaca a criação de novos mecanismos financeiros neste período, por exemplo, os títulos do agronegócio além do aumento do número de fundos de investimentos especializados no setor agrícola e alimentar que sai de 41 em 2005 para 609 em 2020, para o autor a “valorização se desconecta de sua base material, acentuando a instabilidade dos mercados agrícolas e colocando pressões especulativas nos mercados reais e nos preços dos produtos alimentares” (Leite, 2024, p. 844)



Diante disso, notamos que a crise de 2008 instaurou no setor sucroenergético um atrativo para os fundos de investimentos, pelo aumento da demanda de biocombustíveis e alimentos junto ao alto endividamento do setor que fez as usinas irem para recuperação fiscal ou falência, deixando assim os preços ativos para os fundos, aumentando a oligopolização do setor e concentrando a produção na mão de grandes grupos por meio do processo de fusão e aquisição.

Oliveira (2016) se atenta para um alto crescimento no número de fusão e aquisição no setor sucroenergético depois de 2008, observa ainda uma concentração territorial de grandes grupos por meio de fusão e aquisição de empresas e usinas. A atratividade se dá pela baixa dos preços das usinas devido ao alto endividamento do setor durante a crise de 2008 (Oliveira, 2016). O autor mostra que na safra de 2011/12, 30 grandes grupos detinham mais de 50% da produção de cana-de-açúcar no país, afirmando que há uma concentração econômica vertical com o monopólio de grupos empresariais no setor (Oliveira 2016). Diante do que foi discutido fica o questionamento do desdobramento da financeirização no setor sucroenergético e quais efeitos concretos podemos observar em termos de concentração de produção/capital/terras?

O setor sucroenergético: entre crises, endividamentos e novos atores

O setor sucroenergético se consolidou no início do século XXI com o impulsionamento do consumo de etanol a partir da criação dos carros *Fuel Flex* em 2003 incentivando uma maior produção nas usinas. Vega (2015) em sua tese analisando a internacionalização do setor a partir da década de 1970, descreve dois momentos de crise no setor: 1) período de 2008 e 2010 com a crise setorial e internacionalização do setor 2) de 2010-2015 a crise nas usinas pelo alto endividamento e redefinição de rumos. Nessa perspectiva sobre o segundo momento de crise, pesquisas recentes analisam como o setor vem se endividando. (Boechat; Toledo; Pitta, 2022).

Há um predomínio no setor sucroenergético de um crescimento econômico vertical, proporcionando uma concentração econômica e territorial de grandes grupos dentro do setor. O setor sucroenergético tende a um processo de territorialização do monopólio (Oliveira, 2016), já que o fator distância entre área de produção e área indústrias são decisivos. Para o autor, essa monopolização territorial é um resultado das políticas de desregulamentação do neoliberalismo, como bem se observa a seguir

Foi por isso que com o neoliberalismo assiste-se à formação de grupos ou conglomerados econômicos, entre essas empresas, que atuam articuladamente em termos mundiais, através do processo de fusão, aquisição, associação, etc., tornando-se esta sua característica principal. Essas empresas monopolistas mundiais articulam-se através de dois processos monopolistas territoriais no comando da produção agropecuária e florestal mundial: a territorialização dos monopólios e a monopolização do território (Oliveira, 2016, p. 127)



Nota-se uma crescente liberalização econômica no setor e abertura de capital nas bolsas de valores dos grandes grupos do setor. Para compreender o desdobramento da financeirização no setor, concordamos com Boechart, Toletto, Pitta (2020) apresentam que o fenômeno do *land grabbing* frente a uma narrativa de crise, apontando para a crise como gestora do processo que leva a uma centralização de capital e monopolização de diversos setores, os autores apontam:

A mobilidade do capital e sua centralização, na análise marxiana, agiram no sentido de reduzir as taxas de setores altamente lucrativos, e de aumentar aquelas de setores saturados, menos atraentes, por meio da expulsão de capitais face à baixa rentabilidade. Por um outro lado, mecanismos de controle de propriedade privada visariam monopolizar tecnologias, diferenciais de fertilidade e localização dos solos e vantagens das mais diversas. (Boechart; Toletto; Pitta, 2020, p. 47)

Pitta, Leite e Kluck, (2020) apontam que para manter o crescimento, o setor teve de assumir uma grande quantia de empréstimos, colocando como garantia a inflação do preço do açúcar das próximas safras. Com a desvalorização da moeda brasileira -real- e baixa do preço do açúcar em decorrência da crise de 2008, o setor vem buscando cada vez mais utilização de mecanismos financeiros para manter e expandir produção.

Desde a safra de 2011/12 inúmeras usinas foram à falência e outras entraram em recuperação judicial devido ao endividamento. Em 2014, ainda em decorrência da crise, 120 usinas das 495 existentes da época fecharam. com a liberalização do mercado este setor se torna altamente especulativo, por isso mais do que acompanhar a demanda mundial de açúcar ou etanol, acompanha a precificação no mercado de *commodities*. (Pitta, Leite, Kluck, 2020).

Ao se territorializar o capital mundializado produz valor, pois como observa Chesnais “A esfera financeira nutre-se da riqueza criada pelo investimento e mobilização de uma força de trabalho de múltiplas qualificações. Uma parte, hoje elevada, dessa riqueza é captada ou canalizada em proveito da esfera financeira, e transferida para esta” (Chesnais, 1996, p. 246).

Santos, *et al* (2022) demonstram como a financeirização tem sido presente no mercado de terras e na agricultura brasileira e que desde 2008 vem crescendo de forma significativa. Os fundos financeiros especializados no setor do agronegócio cresceram bastante, em 2005 havia apenas 45 fundos especializados, e em 2018 já somavam 534 fundos especializados no setor do agronegócio. Os autores ainda destacam que além do mercado de grãos, cana-de-açúcar, de terra e biocombustíveis, esses fundos de investimentos especializados também têm investido em alternativas energéticas renováveis e de baixo carbono (Santos, *et al*, 2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Amerra Capital é um gestor de fundos financeiros fundado em 2009, sua base é em Nova Iorque nos Estados Unidos. O grupo é especializado em investimentos nos diferentes setores do agronegócio mundial, com investimentos no continente Americano e Europeu. Atuando no oferecimento de soluções customizadas para o financiamento agrícola em diferentes etapas do setor. O portfólio do grupo é formado por duas carteiras: Private Equity e Private Debt que oferecem opções customizadas de investimentos. O grupo desde a sua fundação já investiu mais de US\$ 5,7 bilhões e até janeiro de 2023 possuía US\$ 1,4 bilhão em AUM “Assets Under Management”, ou seja, ativos sob gestão do grupo (Amerra, 2023a).

O grupo trabalha por meio de “Value Chain Matrix” que é uma espécie de “cadeia produtiva” possibilitando sua atuação na agricultura a montante e a jusante oferecendo inúmeras atividades: fornecimento de insumos, inovações genéticas, produção de safras permanentes e culturas especiais, produção de bioenergia, ingredientes alimentares, moagem de milho e trilha, distribuição e armazenagem dos produtos (Amerra, 2023a)

Diante dessa diversificação do portfólio vejamos como estão divididos os investimentos presentes no grupo.

Private Debt

Private debt são os investimentos em dívidas securitizadas, uma oferta de capital de giro por meio de financiamento: pré-exportação e pré-safra, financiamento de projetos e de beneficiamento da terra etc., os investimentos dessa carteira giram em torno de US\$ 15 – US\$50 milhões (IFC, 2014). O mapeamento das empresas/grupos que recebem esses investimentos é difícil por falta de divulgação e acesso aos dados, mas os gráficos apresentados pela Amerra Capital em sua página apresentam os principais produtos e países em que o grupo vem investindo desde 2009. Desde então a carteira de private debt da Amerra Capital já investiu em 18 setores, 21 países somando 322 investimentos que acumulados somam mais US\$ 4,8 bilhões (Amerra, 2023b).

Conforme analisado, os investimentos no seu primeiro ano de criação (2009) foram distribuídos por seis países e quatro setores, sendo o México o maior receptor com 57,1% dos investimentos, Guatemala é o segundo país a mais receber investimentos (13,1%). Por sua vez os setores que mais receberam investimentos foram açúcar e arroz.

Desde 2015, os investimentos do portfólio do Grupo em *private debt* tem se expandido para o Brasil, principalmente no setor de etanol e açúcar, neste mesmo ano o Brasil passou a representar mais de 50% dos investimentos. Em 2017, o Brasil deteve 41,2 % dos investimentos que foram distribuídos em quatro setores: um no setor de açúcar, dois no setor de etanol e um no setor de soja (Amerra, 2023b). A concentração dos investimentos no Brasil se expandiu e,



em 2020 os investimentos da Amerra Capital no Brasil ultrapassaram novamente a metade dos investimentos do grupo.

O grupo no período entre 2009 e 2020 diversificou os investimentos em diferentes setores: aquicultura, açúcar, algodão, tabaco, óleo de palma, cacau, soja, sementes, agroquímicos, etanol etc., enquanto concentrou suas ações em países da América Latina: Brasil, Peru, México, Guatemala, Costa Rica, México e Paraguai. A partir de 2020 os investimentos têm se concentrado cada vez mais no Brasil, os investimentos do grupo no país representaram 56,8% distribuídos pelos setores de: açúcar, etanol, energia e soja.

Como conseguimos observar no quadro 01, do acumulado de investimentos desde 2009 até 2023 o Brasil recebeu 31% dos investimentos sendo 60% voltado para o setor sucroenergético (Etanol + Açúcar). Esses dados demonstram a procura do setor em fundos de investimentos para fornecer créditos, principalmente usinas em falência que querem se tornar novamente competitivas no mercado.

Quadro 01 - Investimentos do portfólio *private debt* do grupo Amerra Capital

TOTAL DOS INVESTIMENTOS PRIVATE DEBT	322
TOTAL DOS INVESTIMENTOS NO BRASIL	101
TOTAL DE INVESTIMENTOS NO SETOR SUCROENERGÉTICO BRASILEIRO (AÇÚCAR + ETANOL)	62

Fonte: Elaborado pelo autor com base dos dados da Amerra, 2023b

Private Equity

Como descreveu Pessanha (2019, p.134), os fundos do tipo *private equity* consiste em “ter participação em empresas que possuam bons faturamentos monetários e que estejam em notável crescimento.”, normalmente antes delas abrirem o capital da empresa. Santos, *et al* (2022) debatendo sobre a financeirização da agricultura e dos fundos especializados no setor classifica esse tipo de fundo como

formados para investirem em empresas de capital fechado, ou seja, que não têm ações em bolsas de valores, na maioria das vezes, de pequeno ou médio porte. Esses fundos, em geral, adquirem empresas (ou assumem controle de grande parte de seu capital social) apostando no crescimento e melhor desempenho delas. Buscam lucros de médio a longo prazo. (Santos, *et al*, 2022, p. 10)

Esses ativos presentes do *private equity* são mais identificáveis, já que o grupo disponibiliza as empresas e grupos que fazem parte da carteira. O grupo já investiu US\$517 milhões, sendo 17 em plataformas e 7 em aquisições de empresas/usinas. Hoje, o portfólio tem 15 investimentos ativos, sendo 8 no Brasil. A Figura 01 apresenta um fluxograma dos investimentos totais que estão presentes nesta carteira do grupo, apresenta juntamente as ramificações das empresas (Amerra, 2023c)

Figura 01- Fluxograma do portfólio total do *Private Equity* do grupo Amerra Capital



Fonte: Elaborado pelo autor com base dos dados da Amerra, 2023c

Como na descrição feita pelo grupo em seu site (Amerra, 2023c), os investimentos estão atualmente espalhados no continente americano e europeu. A possibilidade de investimentos em diferentes espaços do globo terrestre é uma das características dos fundos financeiros estimulados por essa hipermobilidade do capital (Pessanha, 2019). Observando o quadro 02 podemos compreender como se dá a disposição dos investimentos por país de atuação e setor produtivo.

Quadro 02 - Empresas e grupos presentes na carteira private equity do grupo Amerra Capital por tipo de produção (2023)

EMPRESA/GRUPO	PAÍS DE ATUAÇÃO	SETOR DE PRODUÇÃO
Aguapei Agroenergia S/A	Brasil	Sucroenergético
Avramar	Grécia e Espanha	Aquacultura
Aquaship	Noruega, Chile e Reino Unido	Serviços marítimos
Baja Agua Farms	Estados Unidos e México	Pecuária de atum rabilho
BioMega	Noruega	Biorrefino
Bioplanta	Brasil	Fertilizantes
Cianport	Brasil	Transporte



CSC Sugar	Estado unidos	Açúcar
Fiagril	Brasil	Grãos (soja e milho)
FS Bioenergia	Brasil	Etanol de Milho
Mercon	Estado Unidos e Nicaragua	Café
Ocho Sur	Peru	Óleo de palma
RioAmambai Agroenergia	Brasil	Sucroenergético
Salto Botelho Agroenergia	Brasil	Sucroenergético
Serra Bonita	Brasil	Grãos (soja e milho)

Fonte: Elaborado pelo autor com base dos dados da Amerra, 2023c

Como notado no Quadro 02, o grupo Amerra Capital tem se expandido por meio de compra de empresas e usinas no Brasil. Há uma concentração e busca do grupo pelo setor de etanol e açúcar no país. Em uma entrevista recente para a Forbes (2022) o sócio-gerente Craig Tashjian do grupo Amerra, disse está com esperanças para seus investimentos no setor sucroenergético brasileiro diante da capacidade ociosa atual do setor que está em 30%. Craig acredita que o setor está em uma situação favorável para movimentos de fusão e aquisição, completou ainda dizendo que “O Brasil é a Arábia Saudita da cana-de-açúcar, há capacidade não utilizada barata. Esse é o sonho do investidor” (Forbes, 2022).

O grupo apresenta em seu portfólio *private equity* 4 usinas do setor sucroenergético são elas: Aguapei Agroenergia S/A, FS Energia (etanol de milho), Rio Amambai Agroenergia e Salto Botelho Agroenergia, exceto a FS Energia, que foi recentemente criada em 2017, as 3 usinas adquiridas pelo grupo estavam em processo de recuperação judicial, algumas totalmente paradas ou com a capacidade de moagem da cana-de-açúcar reduzida. O grupo ao adquirir implementou novas tecnologias promovendo uma reestruturação produtiva a fim de aumentar a produtividade e rentabilidade.

A Figura 02 mostra o mapa de localização das usinas do setor, podemos observar a concentração de 4 usinas no Centro-Oeste brasileiro e apenas uma no Sudeste, pois como aponta Elias (2018) espaços menos rugosos como o Centro-Oeste estão mais propensos a aceitar as novas técnicas do meio técnico-científico-informacional.

Figura 02 – Mapa de localização das usinas do setor sucroenergético do grupo Amerra Capital no *private equity* (2023)



Fonte: Organizado pelo autor com base nos dados da Amerra, 2023c

O grupo tem apresentado os avanços de usinas do setor sucroenergético em seu portfólio, que tem encontrado nos fundos financeiros uma nova fonte de crédito junto a possibilidade de *insights* de produção, gestão e distribuição dos produtos.

Podemos concluir, que os fundos de investimentos se tornaram agentes importantes no setor sucroenergético, a hipermobilidade dos fundos financeiros (Pessanha, 2019) oferecem um aporte de créditos para as usinas que estão em uma situação de déficit financeiro.

As territorializações desses fundos financeiros promovem uma monopolização dos processos de produção, o setor sucroenergético devido a sua característica de ter a planta industrial perto a área de produção faz com que a atuação desses grupos passem a comandar para além da planta industrial, o crédito agrícola e da área de produção, mantendo uma proximidade das cidades que nos casos estudados são cidades pequenas (menos de 50 mil habitantes) como: Naviraí – MS, Lucélia – SP e São Simão – GO, tornem-se dependentes da produção das usinas para gerar emprego e renda que com a entrada desses fundos vão se modernizando e formando regiões produtivas do agronegócio se adequando cada vez mais as articulações em nível global (Elias, 2002)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou compreender como o processo de financeirização tem avançado de forma significativa sobre a agricultura brasileira, com ênfase no setor sucroenergético, como exemplificado a partir da análise dos investimentos do grupo Amerra



Capital. A territorialização desses fundos transforma a terra em ativo financeiro, desestabilizando dinâmicas sociais, econômicas e territoriais historicamente construídas.

Os espaços se tornam cada vez mais desiguais diante dessa corrida do capitalismo contemporâneo em busca de rentabilidade por meio da competitividade, já que por consequência, esses grupos acabam detendo o monopólio de toda uma cadeia produtiva, nesse caso vemos que o grupo Amerra está presente em toda cadeia produtiva do agronegócio brasileiro: produção de sementes e insumos químicos, produção agrícola – principalmente por meio de arrendamentos –, distribuição e armazenagem. Por deterem tanta tecnologia, a concorrência entre esses grupos fica ainda mais acirrada, deixando os espaços rurais em que se territorializam, com um maior fluxo de capitais e informação.

A pesquisa contribui com os debates atuais da geografia agrária e econômica ao demonstrar como o mercado financeiro tem atuado na agricultura brasileira, sobretudo nas áreas onde o setor sucroenergético se apresenta de maneira mais concentrada. Os impactos vão além da esfera econômica, refletindo-se também na intensificação da concentração fundiária, na dependência financeira, na ampliação de novas usinas e adoção de tecnologias.

Por fim, este trabalho aponta para a urgência de novas investigações que se debrucem sobre os desdobramentos sociais, econômicos e ambientais da financeirização sobre os territórios rurais. Questões como a soberania alimentar, a governança territorial frente ao avanço do capital estrangeiro, e os efeitos sobre as formas de vida camponesas e tradicionais devem estar no centro das próximas agendas de pesquisa.

Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como diálogos com as análises referidas ao longo do artigo.

REFERÊNCIAS

AMERRA. Amerra Capital: **Strategies**. 2023a. Disponível em: <<https://www.amerracapital.com/>> Acesso em: 25 dez. 2022.

AMERRA. Amerra Capital: **Private Debt**. 2023b. Disponível em: <<https://www.amerracapital.com/private-debt>> Acesso em: 02 jan. 2023.

AMERRA. Amerra Capital: **Private Equity**. 2023c. Disponível em: <<https://www.amerracapital.com/private-equity>> Acesso em: 24 jan. 2023.

BORRAS, J. et al. Acaparamiento de tierras y acumulación capitalista: aspectos clave en América Latina. **Revista Interdisciplinaria de Estudios Agrarios**, n. 38, p. 75-103, 2013.

BARROS JUNIOR, O. A. A financeirização da terra: novas disputas para o campo brasileiro. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**, VIII, 2017, Curitiba. Geografia das redes de mobilização social na América Latina. Curitiba: [s. n.], 2017. p. 1-11.

BOECHAT, C. A.; TOLEDO, C. A.; PITTA, F. T. Land grabbing e crise do capital: possíveis interseções dos debates. In: BOECHAT, Cássio Arruda (Org.). **Geografia da crise no**



agronegócio sucroenergético: land grabbing e flex crops na financeirização do campo brasileiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2022. p. 25-56.

CHESNAIS, F. **A Mundialização do Capital.** São Paulo: Xamã, 1996.

ELIAS, D. Globalização e agricultura no Brasil. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 23-32, 2002.

ELIAS, D. Globalização e Agricultura. 1. ed. São Paulo: **Edusp**, 2018. 400 p.

FORBES. Capacidade ociosa nas usinas de etanol e açúcar atrai investidores. **Forbes**, 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesagro/2022/06/precos-atraem-investimentos-para-usoda-capacidade-ociosa-de-etanol-e-acucar-do-brasil/>. Acesso em: 02 jan. 2025.

HARVEY, D. O novo imperialismo. 2. ed. São Paulo: **Edições Loyola**, 2005.

IFC apoia Amerra com financiamento de USD 60 milhões, expandindo o acesso ao financiamento para na América Latina. **IFC**, 2014. Disponível em: < <https://pressroom.ifc.org/all/pages/PressDetail.aspx?ID=17921> > Acesso em: 24 de jan. de 2023

LEITE, S. P. Estado e Financeirização da Agricultura Brasileira: transformações em curso e implicações sociais, políticas e econômicas. In: LAVINAS, L. et al. (orgs.). **Financeirização: crise, estagnação e desigualdade.** São Paulo: Contracorrente, 2024.

OLIVEIRA, A. U. A mundialização da agricultura. São Paulo: **Iandê** Editorial, 2016.

PAULANI, L. Sobreacumulação, financeirização, rentismo e assetização. In: LAVINAS, L. et al. (orgs.). **Financeirização: crise, estagnação e desigualdade.** São Paulo: Contracorrente, 2024.

PESSANHA, R. M. A indústria dos fundos financeiros: potência, estratégias e mobilidade no capitalismo contemporâneo. Rio de Janeiro: **Consequência**, 2019.

PITTA, F. T; BOECHAT, C. A.; TOLEDO, C. A. O boom e o estouro da bolha das commodities no século XXI e o agronegócio sucroenergético brasileiro: da mobilização à crise do trabalho. In: BOECHAT, Cássio Arruda (Org.). **Geografia da crise no agronegócio sucroenergético: Land grabbing e flex crops na financeirização recente do agronegócio brasileiro.** 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2020

SANTOS, A. B. et al. Financeirização da agricultura e da terra: dinâmicas em curso e disputas em jogo. Rio de Janeiro: **Fundação Heirich Böll**, 2022.

SANTOS, M. Espaço e Método. 5. ed. São Paulo: **Edusp**, 2020.

SASSEN, S. Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global. 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: **Paz e Terra**, 2016.

SAUER, S. Demanda mundial por terras: “land grabbing” ou oportunidade de negócios no Brasil? **Revista De Estudos E Pesquisas Sobre As Américas**, Brasília, DF, v. 4, n. 4, p. 72-88, 2010.

SVAMPA, M. Consenso de los commodities y lenguajes de valoración en America Latina. **Nueva Sociedad**, n. 244, 2013.

VEGA, G.E.C. A Dupla Serpente: Estado e agroindústria sucroenergética brasileira na construção de uma nova matriz de inserção global (2003-2014). 2015.